

CAPÍTULO XXIV

A VIRGEM MARIA

“Todos estes perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres e com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele”. – Atos 1:14

Tanto os protestantes como os católicos romanos, aceitam o artigo do credo: “nascido da Virgem Maria”.

Os protestantes não vão além dos registros escriturísticos acerca de Maria, que é “a mãe de nosso Senhor” e “é bendita entre as mulheres”. Para eles, Maria é modelo de maternidade a ser tido para sempre em piedoso apreço, a mãe a quem Deus encarregou de cuidar de Jesus durante a infância e meninice e que acompanhou seu divino filho com amor, até o momento da crucificação. Por outro lado, o dogma romano engendrou a Maria do romance e a guindou a alturas que os Sagrados Escritos ignoram: o dogma fê-la imaculada desde o instante de sua concepção e empresta eficácia redentora a sua mediação em favor dos pecadores da terra e das almas do purgatório. Em razão de sua suposta impecabilidade, ela se separa de todos os outros seres humanos. É tida como a rainha da misericórdia, como Cristo é o rei da justiça; a rainha do céu, a esposa do Espírito Santo, a mãe de Deus. Em sua honra a igreja romana celebra festas anuais e por decreto papal foi-lhe consagrado o mês de maio. Os templos mais imponentes lhe foram dedicados. Rafael e outros pintores alcançaram a culminância de sua arte, fixando-lhe as atitudes nas Madonas, do mais puro tipo de beleza feminina. Os compositores da Idade Média cantaram em seu louvor algumas das líricas mais suaves que jamais saíram de lábios humanos. Tratados especiais foram escritos por ilustres teólogos medievais, para darem expressão a suas virtudes. As ordens monásticas disputaram entre si a escolha de Maria como sua patrona. O cardeal Belarmino encerrou seus capítulos sobre a Encarnação, o Papado e a Igreja com as palavras: “Glória a Deus e à Virgem Maria” – *laus Deo virginique matri Mariæ*. Em tempos recentes, os papas, sem discordância e com grande importunação, têm invocado seu auxílio, como a fonte principal de socorro, em meio dos assaltos dirigidos contra a religião cristã pela infidelidade e pela heresia. Cada vez que o devoto católico romano repete a Oração do Senhor, muitas vezes se dirige ele a Maria.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

§ 1. **A Maria dos Evangelhos.**- As descrições de Maria, estampadas no Novo Testamento, diferem tanto da Maria da igreja romana, como difere a realidade da mitologia ou difere o verdadeiro Abraão das pinturas medievais, que o exibiam vestido de rei, com uma igreja e um campanário ao fundo da paisagem. Qual é o relato bíblico de Maria? Dever-se-á seguir o retrato bíblico, ou devem os seguir o retrato que as teologias especulativas e a imaginação religiosa desenharam? A divina Revelação decidiu cobrir com um véu o nascimento e a morte de Maria. O pouco que se conta a respeito dela, conta-se em conexão com Cristo. Certo número de vezes é ela chamada “a mãe de Jesus” e Isabel a tratou como “a mãe de meu Senhor”. Foi profetizado pelo anjo que seu filho seria chamado “o Filho de Deus” e “o Filho do Altíssimo”. Em seu cântico, o Magnificat, Maria proclamou a Deus como seu Salvador – Luc. 1:47. Isabel a declarou “bendita entre as mulheres” – Luc. 1:42, frase que alguns devotos tradutores dos Evangelhos colocaram falsamente nos lábios do anjo – Luc. 1:28. No período de sua vida anterior ao ministério público, Cristo esteve sujeito a seus pais, nenhuma preferência tendo dado o Evangelista à mãe de Jesus sobre seu pai – Luc. 2:51. Nas poucas ocorrências do ministério de Cristo em que Maria aparece, ela é representada como quem ocupa a posição que qualquer mãe terrena podia esperar merecesse em relação a seu filho. Nas bodas de Caná, quando Jesus disse: “Mulher, que tenho eu contigo? Minha hora ainda não chegou” – João 2:4 – o Mestre afirmava que sua divina missão envolvia obrigações mais transcendentais do que a obrigação do filho terreno com a mãe. Informado de que sua mãe e irmãos estavam à porta e desejavam falar-lhe, Jesus exaltou as relações espirituais e exclamou: “Quem é a minha mãe e quem são meus irmãos?” – e aduziu, estendendo a mão sobre os discípulos: “Eis minha mãe e meus irmãos; porque todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” – Mat. 12:46-52. Quando agonizava sobre a cruz, entregou sua mãe a João, dizendo: “Mulher, eis teu filho”; e ao discípulo disse: “Eis tua mãe”. Isso é tudo quanto sabemos pelas narrativas dos Evangelhos.

Em todo o conteúdo das demais porções do Novo Testamento, só uma vez Maria é tratada pelo nome, sendo depois designada como “a mãe de Jesus”, que, após a ascensão, estava, com os discípulos e “as mulheres”, no cenáculo – Atos 1:14. O fato de ter sido ela tratada pelo nome demonstra a consideração em que era tida. Outra passagem do Novo Testamento ainda se refere diretamente a ela, embora não lhe cite o nome: “Deus enviou a seu Filho, nascido de uma mulher, nascido segundo a lei” – Gál.

4:4. Se Maria tivesse direito de ser chamada mãe de Deus, é para estranhar que o título não tivesse sido usado pelos Apóstolos, ou que, se ela fosse objeto legítimo de culto, os Apóstolos, falando tão frequentemente do Espírito Santo e da oração, nada dissessem acerca da mediação celestial de Maria e de orações dirigidas a ela. E que razão poderia ter possivelmente havido para que os Apóstolos omitissem ofícios que a igreja romana a revestiu – a santidade de Maria e sua virtude mediadora?!

§ 2. A Maria da especulação e do romance.- Poucas são as práticas eclesiásticas cujas origens e desenvolvimento sejam tão difíceis de traçar, como se verifica no caso da exaltação e culto de Maria. Talvez nenhuma outra prática ofereça, sob tal aspecto, a mesma dificuldade. Encontramos a mariologia e a mariolatria caracteristicamente desenvolvidas no quarto século, de maneira a chegarem quase à deificação. Os Apóstolos nada de parecido herdaram do Velho Testamento; e os primitivos escritores cristãos, depois dos Apóstolos – Clemente de Roma, Inácio, Policarpo e o autor do Ensino dos Doze, o Credo dos Apóstolos e a antiga Regra de Fé – não apresentam vestígios de que tal reverência se prestasse a Maria. Não obstante, a mãe de Jesus foi gradualmente transformada em mãe de Deus, e a serva do Senhor se transformou em rainha do céu e todo-poderosa advogada dos pecadores junto ao trono de Deus. Difícil, como é, discernir com clareza quando essa mudança começou e como se desenvolveu, é evidente, todavia, que a transformação proveio, de um lado, do propósito íntimo da igreja, de engrandecer a Cristo e sua redenção; e, por outro lado, dos conversos, que transmitiram à igreja reminiscências do ritual de danças pagãs e outros elementos do paganismo, do que não puderam se libertar.

1. Um inocente e compreensível impulso, dado à mariolatria, teve expressão no confronto entre Maria e Eva pelos escritores cristãos, a começar de Justino Mártir, cerca de 150, e Ireneu. O que a virgem Eva – disse Ireneu – transmitiu por sua credulidade, a virgem Maria o anulou por sua fé. Como foi Eva a mãe de todos os viventes, Maria, sua réplica, é a mãe dos redimidos. Porque, como através de uma virgem desobediente, - disse mais Ireneu, em sua *Pregação Apostólica* – “o homem foi subjogado à morte, assim, através da virgem que obedeceu à Palavra de Deus, o homem foi reerguido e recebeu vida. Pela obediência de uma virgem, a desobediência de outra foi resgatada”.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

2. Os conversos do paganismo, especialmente o dilúvio de pessoas meio-convertidas que penetraram na igreja ao tempo de Constantino, e que estavam familiarizadas com os nomes, templos e cultos de divindades femininas, não renunciaram inteiramente a essas coisas. A cidade de Roma, nos primeiros séculos cristãos, encheu-se de altares de deusas importadas – Ísis, do Egito; as divindades femininas da Síria – Cibele, conhecida como a grande mãe – *magna mater* – e Atargatis, esposa e mãe de todas as coisas. Já no ano 38, Calígula dedicava um templo a Ísis e, em 394, procissões em sua honra marchavam através das ruas da cidade. Seus ídolos se adornavam de ricos paramentos, joias e ouro.

3. A exaltação de Maria foi incrementada pelos ascetas do deserto. Presos ele próprios ao celibato, tornaram-se ardentes devotos da Virgem sempre pura.

4. Movidos pelo desejo de conhecerem mais acerca de Maria e de encontrarem em seu culto um sucedâneo do culto das deusas pagãs, os Evangelhos apócrifos inventaram todas as espécies de histórias sobre seu poder miraculoso e santidade, assim como sua influência sobre Jesus. Quando Maria penetrou na gruta de Belém – assim dizem essas lendas – tudo se tornou subitamente iluminado de um fulgor mais brilhante do que o sol. A água em que ela lavou as roupas de Jesus ficou saturada de uma virtude que curava leprosos e endemoninhados. Estando Maria enferma, os Apóstolos foram milagrosamente arrebanhados para junto de seu leito e, morta, foi pelos anjos levada para o céu. Dessas biografias fabulosas procedem os nomes do pai e da mãe de Maria – Joaquim e Ana.

5. A esses fatores devem-se aduzir os méritos crescentes de que a igreja cristã em geral atribui à virgindade, herança recebida, não da dispensação hebraica, mas produto do mórbido ascetismo que em parte imitava os costumes pagãos. A virgindade atribuída a Maria gerou o exagerado tratamento dispensado às mulheres pela cavalaria medieval – e a instituição da cavalaria incrementou, por sua vez, a doutrina da virgindade de Maria. A expressão – Nossa Senhora – *notre dame* – recorda aquela devoção cavalheiresca.

6. Poderosa influência foi exercida pelas discussões teológicas do IV e V séculos sobre a pessoa e a divindade de Cristo. No interesse da excelência de Cristo como o Filho de Deus e o Redentor do mundo, a virgindade de Maria se exagerou até o ponto de abranger sua vida após o nascimento de Cristo, e seus méritos foram exaltados,

de modo que se tornasse digna de ser a mãe do Filho de Deus. A frase – mãe de Deus – *theotokos* – tornou-se senha de ortodoxia, sendo os que a rejeitassem, como Nestório, patriarca de Constantinopla, declarados inimigos de Cristo, comparáveis a Judas e sujeitos a violências físicas. O Concílio de Calcedônia, 451, encerrando formalmente essas discussões, usou da fórmula: nascido da Virgem Maria, “a mãe de Deus, segundo sua humanidade”. Entre os exagerados panegiristas das virtudes de Maria, avulta Efraim de Edessa, 306-373 – hoje santo do calendário latino. Seus hinos e outras composições estão repletos dos mais extravagantes epítetos e fantasias, e se alongam no contraste entre Maria e Eva, uma sendo a causa da vida e a outra a causa da morte. Efraim foi o primeiro escritor a mencionar casos de formal invocação da mãe de Jesus

§ 3. A virgindade perpétua e a impecabilidade de Maria.- Os escritores da igreja primeiro formularam a doutrina da perpétua virgindade de Maria, depois sua isenção de pecado atual e por fim sua exclusão do pecado original. Jerônimo, o ardente advogado da virgindade perpétua, ensinou que os irmãos e irmãs atribuídos a Jesus nos Evangelhos – Mat. 12:56 – não eram filhos de Maria, mas filhos de matrimônio anterior de José ou, usando de uma possível significação das palavras originais, “primos” de Jesus. A opinião se converteu em doutrina segura, dada a suposta idade avançada de José quando desposou Maria, sessenta anos, segundo o Evangelho apócrifo de José, e oitenta, segundo Epiphanius. O Evangelho apócrifo de Tiago representava José como viúvo, quando se casou com Maria. A opinião de que Maria foi perpetuamente virgem prevaleceu, a despeito de vigorosa oposição da parte de alguns contemporâneos de Jerônimo.¹ A doutrina de ter sido Maria isenta de transgressão atual teve por si a alta autoridade de Agostinho, que a julgou isenta em atenção a Cristo – *propter honorem domini* – o qual, como Filho de Deus, não podia ter mãe – segundo arrazoou o teólogo – uma pessoa manchada de pecado atual.

§ 4. A Maria medieval. - Durante a Idade Média, especialmente no decurso dos séculos XI e XII, certas porções da igreja começaram a tratar o culto de Maria como o cerne da piedade e divulgado a opinião de ter sido ela concebida sem pecado. Teólogos e escritores de convento não acharam linguagem demasiadamente exorbitante para lhe expressar as graças celestiais e o poder intercessório, a castidade e os atrativos físicos. No culto de Maria o galanteio e a piedade se deram as mãos. Ela era a protetora do cavaleiro e o anjo protetor do convento. À graça de Maria, Anselmo dirigiu algumas das mais ferventes orações. Em seu louvor, Alberto Magno escreveu um tratado – *de*

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

laudibus Mariæ – com oitocentas e cinquenta páginas de conteúdo e trazendo não menos de quarenta razões pelas quais ela devia ser cultuada, todas arrimadas a textos bíblicos. Aplicou-lhe não menos de oitenta e uma figuras bíblicas e justificou cada uma delas. Maria era um sol, a lua, lago, montanha, ninho e até livraria, pela singular razão de haver ela “guardado todas essas coisas em seu coração”. Em dois saltérios, Boaventura substituiu, em todos os Salmos, o nome de Jeová pelo nome de Maria. Por exemplo: “Bem-aventurado o homem que te ama, ó virgem-mãe!”; ”bem-aventurados os retos em seus caminhos, que imitam a mãe do Senhor”; “Levantei os olhos para ti, ó mãe de Cristo!” – sal. 1:1; 119:1; 121:1. Em livro especial, dedicado aos méritos da virgem, esse amável franciscano descobriu Maria prefigurada na escada de Jacó, na arca de Noé, na serpente de bronze, na estrela de Balaão, no vaso de maná e em outros memoráveis objetos pertinentes à história da velha dispensação. A propósito de cada uma dessas frases, teceu um comentário poético, estendendo-se, em alguns casos, por mais de cem linhas, dispostas de modo a embalar o leitor por sua terna emotividade e pela doçura do ritmo. As exageradas analogias usadas por Proclus e Cirilo, séculos antes, foram repetidas ou excedidas pelos teólogos medievais.

O cântico de Salomão foi para os escolásticos inesgotável parque de caça de revelações das excelências físicas e espirituais de Maria. Os mais sensatos dentre eles tomaram aquele poema ora como tipo da igreja, ora como tipo de Maria. Nenhuma frase houve demasiadamente ardorosa para ser encarada como descrição de suas virtudes e atrações físicas. O cardeal Damiani representou o próprio Deus como inflamado de amor a Maria, cantando em seu louvor as estrofes de Salomão. Outra interpretação foi a de que o livro é um cântico de noivado composto para as núpcias do Espírito Santo e da Virgem. Um dos livrinhos apaixonados representou Maria a entoar ao Espírito Santo: “Meu amado é meu, e eu sou do meu amado: ele repousará sobre entre meus seios”. A isto replicava o Espírito Santo: “São teus peitos mais doces do que o mel”. Os encantos corporais de Maria eram assunto de palestrar nos conventos. O velho Notker de S. Gall louvava-a “como a mais formosa de todas as virgens”. Em um sermão sobre a missa, S. Bernardo declarou que, no céu, sua beleza de formas não só atrai os anjos, mas até o próprio rei.² À exposição das palavras de Salomão: “Eis que tu és bela, meu amor”, Alberto Magno dedicou trinta páginas, decantando a graça dos ombros de Maria, dos lábios e de outras partes de seu corpo. Boaventura, que se excede em admiração à beleza física de Maria, disse que ela era “mais rubra do que a rosa e mais alva do que o

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

lírrio”. Depois da visão do sorriso da virgem no mais alto dos céus, Dante não se abalçou “à tentativa de lhe expressar sequer os mais fracos encantos”. Diversas anedotas, procedentes dos conventos, divulgaram a terna compaixão de Maria para com os monges – e numerosas foram as histórias que mostravam sua benevolência para com os cavaleiros. Conta Cesar de Heisterbach, o caso de um cavaleiro, a quem Maria se ofereceu em casamento e lhe deu um beijo, após o que o cavaleiro “foi direto à câmara de noivado celestial, para celebrar as prometidas núpcias”. Em outra ocasião, Maria tomou o lugar do cavaleiro Walter de Birbach, em um torneio, enquanto o mesmo Walter se detinha pelo caminho, em uma capela, para fazer suas devoções à Virgem. Maria venceu, naturalmente, o torneio e, voltando ao campo, Walter se espantou com o fato de encontrar a todos aclamando-o vencedor.

Nenhum título houve demasiadamente retórico para ser atribuído à mãe oriental, expressando-lhe o poder e a compaixão. Foi chamada porta do céu e janela do paraíso por Damiani, e “o vestíbulo da propriedade universal” por Anselmo. “Se fores aterrorizado pelos raios do céu” – exclamou S. Bernardo – “vai a Jesus; e, se temeres a Jesus, corre então a Maria. Ela mostrará compaixão, como o Filho mostra ao Pai o lado ferido”. Em seu Saltério Maior, Boaventura definiu a deus como o Senhor da vingança – *dominus ultionum* – e Maria foi descrita como sendo a mãe de misericórdia – *mater misericordiae*. Dela se falou como o leito de ouro sobre que Deus, cansado de seu trabalho, dita-se para repousar.

A perpétua virgindade de Maria e sua isenção de pecado atual foram aceitas universalmente pelos escolásticos. A doutrina de sua imaculada concepção, ou isenção da mácula de pecado original, foi opinião rejeitada pelos maiores dentre eles, como Anselmo, Bernardo, Alberto Magno, Tomaz de Aquino e Boaventura, mas defendida calorosamente pelo sutil doutor Duns Scotus, que apresentou três razões em abono da ideia, a saber: 1. A graça do Senhor seria mais notavelmente patenteada, libertando a um filho de Adão de toda a mácula de pecado original. 2. Assim fazendo, o Senhor estreitaria a virgem a si mesmo, por laços mais fortes. 3. A vaga deixada no céu, quando alguns anjos caíram, seria melhor preenchida por Maria, se ela fosse conservada sem pecado desde o momento de sua concepção. Quando a igreja de Lyon introduziu a festa da imaculada concepção, S. Bernardo protestou contra ela, considerando-a invenção. Se Maria – argumentou – foi concebida sem pecado, então poder-se-ia afirmar em boa razão que os pais de Maria e os seus ancestrais foram igualmente concebidos sem

pecado. A despeito da atitude daquela grande autoridade, o Sínodo de Toulouse, menos de um século depois, 1229, colocou a festa da imaculada concepção ao lado da Páscoa e do Natal. Tomaz de Aquino negava a concepção sem pecado, mas afirmava que Maria se tornara isenta do pecado a certa altura de seu desenvolvimento, entre a concepção e o nascimento. Seguindo a Duns Scotus, os franciscanos tomaram a sério a doutrina e a festa. Os dominicanos, acompanhando a Tomaz de Aquino, se opuseram a uma e outra coisa. Sobre o assunto se levantaram tão amargas discussões entre as duas ordens, durante dois séculos, que Sixto IV, em 1438, foi obrigado a ameaçar de excomunhão a qualquer dos partidos que se aventurasse a tratar da matéria e a denunciar o rival, ordenando que a questão fosse deixada em paz, até que a sé romana proferisse uma decisão. Dessa controvérsia, a que o decreto papal não pôs fim, Tyndale, em seu livro – *Obediência do Cristão* – pág. 159, disse: “Com o mesmo texto com que o frade cinzento provava que nossa Senhora estava isenta de pecado original, com esse texto o frade negro demonstraria que ela foi concebida em pecado original”.

§ 5. A Maria Católica Romana.- As excelências atribuídas a Maria, na teologia medieval, tornaram-se parte do sistema dogmático romano, incluindo as seguintes proposições: 1. Maria permaneceu sempre virgem. 2. Ela foi libertada de pecado atual. 3. Foi libertada do pecado original. 4. É objeto de culto. 5. Sua intercessão tem eficácia quase onipotente. 6. Ela aparece em forma corpórea a mortais e às almas do purgatório. Essas qualidades e poderes a colocam numa classe única e põem-na logo abaixo das Pessoas da Trindade e muito acima de todos os homens. As evidências dessas coisas, que se não podem encontrar no Novo Testamento, suprem-nas os sonhos das velhas teologias. Os decretos Tridentinos são relativamente comedidos no tratamento do assunto, embora nas secções sobre o pecado original eles se refiram a Maria como “bem-aventurada e imaculada Virgem Maria, a mãe de Deus”, e, secção sobre o culto das imagens, tratem-na de “a virgem mãe de Deus”. Na *Profissão de Fé* Tridentina, ela é chamada a mãe de Deus e perpetuamente virgem – *deipara semper virgo* – O Catecismo Tridentino reproduziu a comparação entre Maria e Eva, ensinando que através de Eva a maldição e a morte recaíram sobre a raça humana e através de Maria vieram a bênção e a vida.

Os mais entusiastas campeões dos exaltados méritos de Maria foram, nos tempos mais modernos, Inácio de Loyola, Afonso de Liguori e os pontífices Pio IX, Leão XIII e Pio X. Inácio, ao que se conta, teve a fortuna de alcançar que Maria lhe

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

aparecesse em forma visível por algumas vezes. Depois de ter sido ferido e de tornar-se religioso, ele a viu a carregar o menino Jesus. Tornou-se apaixonado devoto de Maria e, erguendo as armas diante de sua imagem em Montserrat, gentilmente se dedicou a seu serviço. Seus discípulos, os jesuítas, invocaram-na para testemunha de seus votos, nos seguintes termos: “Prometo ao Onipotente Deus, diante de sua virgem mãe e de toda a corte celestial... perpétua pobreza, santidade e obediência”. Dentro de meio século contado da fundação da ordem dos Jesuítas, estes criaram um vasto amontoado de literatura, realçando os méritos de Maria. Uma enciclopédia mariana apareceu em Roma, 1648 – a *Biblioteca Mariana*, que condensa 3.000 escritores que escreveram sobre suas virtudes. O *Atlas Marianum*, publicado pelo jesuíta Grumppenburg, 1672, escreveu 1.200 lugares de peregrinação e santuários, na Europa e na América do Sul, dedicados a ela. Esse curioso volume tratou a Maria como o mapa do mundo. Segundo Hoensbroech, os jesuítas produziram acerca de Maria uma literatura que é a coleção dos mais extravagantes ensinamentos e asserções, e, acima de tudo, das mais grosseiras formas de devoção e histórias miraculosas. Em 1593, os jesuítas formalmente adotaram o dogma da imaculada concepção. Figuera e outros jesuítas da Espanha pretenderam ter encontrado um cofre com pretensa evidência que o dogma havia sido pregado pelos Apóstolos e também que o Apóstolo Tiago havia residido em Espanha. A invenção foi usada até 1672, época em que Inocêncio XI a condenou, tendo sido posta no Index. Em 1617, Paulo V ordenou que a discussão sobre a imaculada concepção se limitasse à língua latina e fosse reservada aos eruditos, mantendo-se fora do púlpito.

Nenhum outro apologista de Maria igualou a Afonso de Liguori. O livro de Alberto Magno, escrito no século XIII, é um volume sóbrio, comparado com as *Glórias de Maria*, de Liguori, escrito seis séculos depois. O livro em questão é um amontoado de superstições e enxames de contos frívolos e incríveis, de intervenções de Maria nos negócios humanos e em meio dos que se encontram no purgatório. Dollinger o qualificou de arsenal de mentiras – Vide *Mirbt*, p. 572. O fato de se ter Liguori tornado doutor da igreja, em 1871, seria suficiente, poder-se-ia supor, para emprestar credibilidade ao livro. Declarando-o doutor, Pio IX aludiu “à maneira excelente por que as obras de Afonso ensinaram verdades relativas à imaculada concepção e à infalibilidade do bispo romano”. Em 1731, aconselhando as freiras, disse Afonso: “Orai sempre à Mãe Maria. Esteja sempre seu doce nome em vossos lábios”. O amor de Maria – declarou ele – é um “penhor seguro do paraíso” – *pegno sicuro del paradiso*. Toda

palavra de lisonja que a fantasia pôde inventar, foi-lhe aplicada nas páginas de Afonso – e a lista de nomes de Deus que figura no Corão não iguala ao catálogo de epítetos de Maria que aquelas páginas encerram. Só os títulos de Deus e Salvador não lhe foram irrogados. Ela é representada como praticamente onipotente no auxílio que presta aos pecadores. Maria é a rainha dos anjos, rainha da misericórdia, unicamente voltada para a compaixão e o perdão. Como Jesus é o rei de todo o mundo, Maria é a rainha de todo o mundo. Sua glória real e a glória do Filho são as mesmas. Cristo faz tudo quanto ela deseja e Deus lhe sanciona os pedidos. Ela é quem promove a paz entre Deus e o homem. É a esperança e a advogada dos que estão no purgatório, seguem-na hostes de anjos. Nada lhe é impossível, salvo a libertação dos que se acham no inferno. Por várias vezes Liguori lhe aplicou a falsa tradução da Vulgata, de Gênesis 3:15: “Ela esmagará a cabeça da serpente”.

§ 6. O dogma da Imaculada Conceição.- A opinião de ter sido Maria excetuada do pecado original foi transformada em dogma da igreja romana, por Pio IX, a 8 de dezembro de 1854. Esse dogma não pode ser rejeitado, sem que o indivíduo incorra em segura sentença de anátema. No decreto de Pio, as próprias palavras de Afonso foram empregadas: “Maria foi excluída do pecado original desde o primeiro instante de sua concepção”. O dogma foi proclamado na basílica de S. Pedro, em presença de mais de 200 cardeais, bispos e outros dignitários. Cinco anos antes, 1849, Pio enviara uma encíclica a seiscentos bispos, pedindo sua opinião sobre o assunto. Todos, com exceção de quatro, responderam aceitando a doutrina, mas cinquenta e dois expressaram a opinião de que os tempos não eram favoráveis à proclamação do dogma. Naquela encíclica o papa afirmou que “Maria se elevou acima dos coros de anjos, até o trono de Deus, e esmagou sob os pés, por suas virtudes, a cabeçada serpente antiga, estando nossa salvação fundada sobre a Santa Virgem, uma vez que o Senhor nela depositou a plenitude de todo o bem, de modo que, se em nós houver qualquer esperança, qualquer graça, qualquer salvação, devemos encontrar exclusivamente nela”.

Na bula *ineffabilis Deus*, anunciando o novo dogma, Pio declarou que este fora dado “sob a inspiração do Espírito Santo” e tinha sido “revelado por Deus”. A referida publicação segue as seguintes linhas: “Depois de ter implorado a proteção de toda a corte celestial e após ter invocado de joelhos, o espírito Santo, o Paráclito, sob sua inspiração e para honra e glória da Trindade indivisível, pronunciamos, declaramos e definimos, pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo e dos bem-aventurados

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Apóstolos Pedro e Paulo, e por nossa própria autoridade, que a doutrina que refere a bendita Virgem Maria, desde o primeiro instante de sua concepção, e por uma graça, e privilégio especiais do Todo-poderoso Deus, e em atenção aos méritos de Jesus Cristo, o salvador da humanidade, preservada livre de toda a mácula de pecado original, foi revelada por Deus e deve ser, portanto, crida e firmemente sustentada por todos os fiéis”. O discordar do dogma a bula o considera como equivalente a um naufrágio na fé. A seguir, o pontífice apontou as penas da lei eclesiástica em que incorre o que possa atrever-se a falar ou escrever qualquer coisa em oposição ao referido dogma. Quarenta anos depois, 1897, Leão XIII condenou todos os escritos que de qualquer modo se opusessem ao culto de Maria.

Proclamando o dogma da imaculada concepção de Maria, Pio fez o que nenhum papa havia feito antes. Independentemente de decisão de um Concílio Geral, anunciou por sua própria conta uma crença teológica, transformada em dogma que deve ser crido perpetuamente na igreja de Cristo. Na Itália a definição do dogma foi saudada por meio de procissões. Isabel, a famosa rainha da Espanha, demonstrou seu regozijo, enviando ao papa uma tiara ornada de 18.000 brilhantes e 500 outras pedras preciosas. Tácita ou publicamente, os católicos romanos lhe deram quase unânime aprovação. A linguagem empregada na definição do dogma parece deixar incerto se se deve crer que o mesmo dogma foi revelado a Pio em resposta a seus jejuns e orações, ou se lhe foi revelado antes que ele jejuasse e orasse em busca de orientação. Essa incerteza é mantida, aliás, pelo Catecismo Plenário, que assegura que “a igreja sempre tem crido na imaculada concepção da bendita virgem, e que a dignidade do Filho requeria que sua mãe não tivesse estado, mesmo por um instante, sob o poder do diabo”. A definição do Catecismo de Pio X é a de que “entre os filhos de Adão, somente um foi conservado livre de pecado original, a mui bendita Maria, e que ela foi purificada porque tinha sido escolhida para ser a mãe de Deus”.

O cardeal Gibbons, em seu capítulo sobre Maria, assegura que, embora o dogma não tivesse sido formulado até 1854, ele se encontra implícito na Escritura e virtualmente recebeu o assentimento dos fiéis, desde os tempos mais remotos da igreja”. A última alegação não só contradiz os fatos históricos, mas também as claras afirmações de católicos romanos da Inglaterra, feitas cinquenta anos antes da definição do dogma. A declaração de que essa doutrina “se acha implícita na Escritura”, requer o auxílio de uma cintilante imaginação eclesiástica. Em oposição, temos a positiva

afirmação do dr. Milner – *Fim da Controvérsia Religiosa* – “a igreja não decidiu a controvérsia sobre a conceição da bendita Virgem e sobre vários outros pontos debatidos, porque ela nada vê absolutamente claro e certo no tocante a eles, quer na Palavra escrita, e, portanto, deixa que seus filhos formem suas próprias opiniões sobre tais assuntos”. A Conferência dos Velhos Católicos, reunida em setembro de 1889, congregando alguns dos mais ilustres eruditos da Alemanha, que abandonaram a igreja romana, repudiou o dogma da imaculada conceição, por não encontrar apoio na Escritura, nem nas tradições da igreja primitiva – *Mirbt*, 446.

§ 7. As pretensas provas escriturísticas do dogma.- O decreto de Pio IX não citou nenhuma Escritura. Os textos apontados pelos teólogos, em abono da imaculada conceição, são, na maior parte, do Velho Testamento e pervertem a intenção do autor original. As passagens são as seguintes: 1. Gên. 3:15, cuja falsa tradução, feita por Jerônimo e pela versão de Rheims – “Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”, deturpa, como já foi observado, o original. Citando essa passagem, declarou o cardeal Gibbons “que a inimidade de Maria ou da mulher para com o diabo, nunca admitiu qualquer reconciliação momentânea e, assim, ela jamais esteve sujeita ao pecado original”. 2. O Cântico de Salomão, que tem fornecido muitas passagens à doutrina, tais como: “Tu és inteiramente formosa, meu amor, e em ti não há defeito”; “um jardim fechado é minha irmã, minha esposa”; “meu pombal é inviolável”. Nenhum estudioso honesto do Velho Testamento pensa hoje no Cântico de Salomão como tendo sido composto com Cristo e Maria em mente, assim como o erudito moderno não acredita que Homero tivesse tido em mente, na *Ilíada*, a última guerra. 3. Ezequiel 44:2, que na versão de Rheims se traduz: “Disse-me o Senhor: esta porta será fechada, ela não será aberta e homem algum passará por ela, porque o Senhor Deus passou e ela se fechará para o príncipe”. O texto foi usado por Ambrósio, morto em 397, para provar a perpétua virgindade de Maria e tem sido manejado desde a Idade Média como o texto talvez mais probante da imaculada conceição. Ezequiel escrevia acerca da cidade de Jerusalém e a indicação de que ele pensasse em Maria não é mais forte do que a que possa haver de que João Calvino estivesse pensando na república do Brasil, ao escrever seus capítulos sobre o governo da igreja. 4. As passagens tiradas do Novo Testamento para valorizar o dogma, são as palavras de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres” e as palavras da própria Maria; “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”- passagens de que resulta que a prova da impecabilidade original de Maria é tão

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

evidente, como seria evidente a dedução de que se tirasse da declaração de Paulo, de que era “um homem de Tarso”, ter sido ele prefeito daquela cidade.

Em face da ausência de provas bíblicas, o testemunho do cardeal Belarmino foi mais correto, ao dizer que a virgindade perpétua de Maria não tem apoio na Bíblia – *nullum de hac re est in Scripturis testimonium – de verbo*, 4:4; Perrone, escrevendo em 1847, quando o dogma da imaculada conceição estava em debate, declarou que nem a Bíblia, nem a tradição é necessária à definição do dogma, sendo bastante a existência de uma tradição latente. De outro modo seria necessário dizer de muitos dogmas, que eles nasceram e foram aceitos “numa época anterior da igreja” – Vide Dollinger – *Papstthum*, p. 252. Quanto à afirmativa de Pio IX, de que, publicando sua encíclica, “fielmente aderiu ao ensino recebido no começo da fé cristã”, pode-se dizer que se o silêncio constitui prova de alguma coisa, o dogma está solidamente apoiado. Nenhum dos Pais primitivos disse qualquer coisa acerca da doutrina em exame. Ela foi expressamente negada por dois dos maiores dentre eles. – Jerônimo e Agostinho. Anselmo, o escolástico, em seu *Cur Deus Homo*, escreveu que “Maria foi concebida em pecado e nasceu em pecado original”. Um século depois, Boaventura apresentou três argumentos para sustentar Maria ter sido contaminada pelo pecado original, a saber: o senso comum, a razão e a prudência. Em abono do primeiro, salientou que Maria padeceu os sofrimentos comuns à humanidade, sofrimentos que ela voluntariamente não procurou e que, portanto, devem ter sido a penalidade de sua própria culpa, herdada de Adão. De acordo com o segundo argumento, sempre há na concepção do corpo, que precede à animação do espírito, concupiscência – e a concupiscência é pecado. A terceira consideração torna o conceito seguro, de vez que somente Cristo foi expressamente isento de pecado original – ed. de Peltier, 4:58 e ss. A respeito de S. Bernardo, que viveu logo depois de Anselmo, corre a lenda de que ele tivera de sofrer um mal, atestado por uma visão que o representava com as vestes alvas ostentando uma nódoa, por haver esse eclesiástico ensinado que Maria fora maculada pelo pecado – Coulton: *Cinco Séculos*, p. 501. No que se refere a Tomaz de Aquino, toda espécie de esgrima se tem ensaiado para atestar, se possível, que ele não se pusera em desacordo com o que foi decretado em 1854. Tomaz distintamente ensinou que Maria foi concebida com o apetite – *fomes* – de pecado, e não foi senão depois da concepção da carne de Jesus que aquele apetite foi destruído, passando-se a imunidade do pecado do filho para a genitora. A teoria católica romana do pecado é que a mancha se passa para a alma em

contato com a carne. A santificação de Maria, no momento de sua concepção – declarou-o depois Tomaz – não é ensinada na Escritura; disse, porém, que, “como Agostinho com razão se pronunciou em favor da assunção de Maria e a escritura nada diz, todavia, a esse respeito, assim pode ser razoavelmente arguido que Maria foi santificada no ventre”.³ Contra esses teólogos, tidos na mais alta estima pela igreja romana, Belarmino pode ser outra vez citado, quando diz “que toda a igreja tem crido na doutrina, mas não há testemunho em seu favor nas Escrituras” – *de verbo*, 4:9.

§ 8. O argumento dogmático.- O argumento dogmático, apresentado em defesa da imaculada concepção de Maria, é o de que, para ser dignamente a mãe de Jesus, ela precisava receber aquela graça, por uma dispensação especial. Sua isenção do pecado original foi, portanto, baseada por antecipação, na salvação operada por Cristo, porque a própria Maria chamou a Deus “seu salvador”. O argumento de S. Bernardo, de que a mãe sem pecado exigiria uma avó sem pecado, foi tomado muito a sério pelo jesuíta português, Malagrida, que em 1758 escreveu um livro, tentando provar a imaculada concepção da mãe de Maria, Sant’Ana. Em tempos recentes, o cardeal Newman declarou que não tinha dificuldades em dar assentimento ao dogma e não tinha dúvida de que, se S. Bernardo e Tomaz vivessem em seu tempo, eles o teriam acolhido alegremente.⁴ No décimo quinto aniversário de sua proclamação, 27 de outubro de 1904, Pio X chegou ao extremo de dar a pasmosa informação de que os patriarcas hebreus estavam familiarizados com a imaculada concepção e em seus momentos solenes acharam consolação, pensando em Maria. Desse modo, ele supria aquilo que seu predecessor, Pio IX, havia deixado de sugerir e ao mesmo tempo se opunha aos mais eminentes teólogos de períodos anteriores. São suas palavras: “Já Adão vira de longe Maria, como a destruidora da cabeçada serpente e, à contemplação dela, enxuga as lágrimas provocadas pela maldição que o havia atingido. Noé pensou dela na arca salvadora e Abraão, pelo mesmo pensamento, se deteve na imolação do próprio filho. Jacó a viu como a escada pela qual os anjos subiam e desciam e Moisés a reconheceu pela sarça ardente. Davi saudou-a, ao dançar e cantar no regresso da arca. Elias a lobrigou na nuvem sobre o mar”. Se a fantasia alguma vez criou história, Pio X o realizou.

§ 9. Maria como mediadora e advogada celestial.- Em tempos mais recentes, Maria foi tratada por Leão XIII como a rainha imaculada do céu e nossa reconciliadora para com Deus – *immaculata cœlorum regina ac conciliatrix apud Deum*

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

– sendo que no Catecismo de Pio X é chamada ”nossa advogada”. Avaliando o culto prestado a Maria, o protestante forma o conceito de que, como advogada e amiga dos pecadores, ela é mais acessível do que o próprio Cristo. Mais orações se dirigem a ela do que a Deus, o Pai. Ela anda constantemente a conceder aparições especiais aos humildes e aos transviados – e lhes obtém força restauradora e clemente auxílio. Coloca-se entre a miséria da alma e a misericórdia de Cristo. Se Maria ouve e defere as petições inumeráveis que de instante a instante lhe sobem, desde o Vaticano até a mais humilde capela católica romana, ela é, na verdade, para todos os fins e propósitos, onipresente e onisciente, e pouquíssimo aquém do Onipotente. A eficácia de seus rogos é proclamada pelo Catecismo Tridentino como sendo tão segura, que é “mui perverso pô-lo em dúvida. Ela apazigua a ira de Deus – *conciliaret* – e garante as bênçãos de Deus, tanto para esta vida como para a vida futura”.⁵

A intercessão de Maria foi por Leão XIII, 1º. De setembro de 1883, declarada ser o meio mais seguro de atingir a graciosa mão de Deus. Ao mesmo tempo ele se refere a Maria como “colocada na mais elevada culminância do eterno poder e glória e a ela se deve recorrer para que, por sua intercessão, o divino Filho possa ser apaziguado e aplacado. Ela é a grande ascendente de Deus, o penhor da nossa paz com Deus, a administradora das graças celestiais, a padroeira celestial da raça humana”.⁶ Em outra ocasião – 22 de setembro de 1891 – Leão reafirmou sua atitude, dando como certo que, como o acesso ao Pai só se faz através do Filho, assim dificilmente será possível que alguém tenha acesso a Cristo, a não ser através de Maria – *fere nisi per matrem accedere nemo potest ad Christum* – e que, através dela, por meio de nossas orações unidas na terra e no mar, podemos esperar todas as coisas. Citando a Leão, na Voz da Bélgica, o cardeal Mercier acrescentou que, “de todos os esplêndidos tesouros de graça que nos trouxe nosso Senhor Jesus Cristo, nenhum fragmento pode, no plano divino, ser-nos comunicado, sem a mediação de Maria. Podeis ir a Cristo através de Maria, vossa mãe, mais ou menos como, através do Filho de Deus, alcançais a soberana majestade do Pai”.

A doutrina oficial, de que as orações não são feitas a Maria, como se ela de si mesma fosse capaz de socorrer e auxiliar, mas para lhe suplicar a intercessão, é posta à margem não somente em manuais de devoção, mas nos pronunciamentos dos próprios pontífices. Afonso de Liguori descreveu duas escadas que alguém viu, uma vermelha, no topo da qual Cristo se detinha, e outra branca, tendo no topo a Maria. Os que

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

tentavam subir pela escada vermelha, caíam; mas os que subiam pela escada branca eram bem sucedidos, porque Maria lhes estendia a mão, ajudando-os. Repetidamente aquele autor recomendava petições deste teor: “Ó Mãe de Deus, em ti ponho todas as minhas esperanças; as causas mais desesperadas se ganham, quando defendidas por ti; em tuas mãos deponho minha eterna salvação”. Nestes últimos tempos, Maria tem sido considerada pelos pontífices como o principal arrimo da igreja contra os heréticos. Leão XIII a louvava como “a gloriosa vencedora de todos os heréticos”. Pio X encerrou sua famosa bula - *pascendi gregis*- com estas palavras: “Que a Virgem Imaculada, destruidora de todas as heresias, esteja convosco, por seus rogos e auxílio”. No mesmo ano, uma encíclica dirigida ao episcopado francês, Pio expressava “sua plena confiança em que a Virgem Imaculada, filha de nosso Pai, mãe do Verbo, esposa do Espírito Santo, lhes obtivesse da trindade melhores dias”. Pio XI disse, em 1922, que, “por seu poder (de Maria), os maometanos foram vencidos em Lepanto e pelas mãos da mesma, por assim dizer, fora o vigário de Cristo restituído a sua Roma, de que a violência o havia exilado”.

§ 10. As atividades miraculosas de Maria.- É provável que nenhum outro assunto tenha produzido, ao longo dos séculos cristãos, tantas fábulas piedosas e contos fantásticos, como a pretensa atividade graciosa da virgem de Bethlehem. De Cristo, a quem é dado todo o poder na terra e no céu, uns poucos milagres se acham narrados no Novo Testamento. Para descrever os atos maravilhosos de Maria, requer-se-iam volumes. Cristo é criação do Evangelho; Maria é criação da imaginação e da teologia. Os atos de Cristo foram presenciados por testemunhas vivas e foram operados em público. Os méritos de Maria são sonhos de ascetas religiosos e de escritores devocionais, largamente concebidos no claustro. Suas atividades miraculosas se estenderam até as crianças que ainda não eram nascidas. Por exemplo: com um anel, Maria desposou o fundador de Citeaux, quando este ainda não era nascido. Colocou grinaldas em freiras; tem estado abaixo e acima em conventos de monges, velando por que repousem convenientemente durante a noite. Aparecendo em forma visível, ela pôs criminosos em liberdade. Maria desce ao purgatório para confortar e libertar as almas que ali se encontram.

Não é necessário que se vá até as lendas medievais à procura de prodígios atribuídos a Maria. As *Glórias de Maria*, de Afonso Liguori, fornecem contos maravilhosos, pinturas fantásticas e outras maravilhas suficientes à satisfação do devoto

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

mais crédulo. Aqui estão diversos exemplos: Estando o jesuíta Afonso Rodriguez diante de uma imagem de Maria, rompeu na exclamação: “Mãe amantíssima, tu me amas tanto quanto eu te amo!! Como se se tivesse ofendido com a sugestão, Maria replicou: “Quão maior é o amor que tenho a ti! A distância do céu à terra não é tão grande quanto o é meu amor por ti”. A moral que Liguori deduziu é que devemos gravar em nossos corações o doce nome de Maria com pontiagudo instrumento de ferro. Certo jovem cavaleiro inglês, que havia conseguido, por intermédio de Maria, a cessação de uma pestilência, cedeu à impureza e a outras tentações. Como passasse diante de uma estampa de Maria, esta o censurou por havê-la deixado e olvidado sua proteção. Penitente, o fidalgo voltou para sua cela; mas, esquecendo-se das promessas, fugiu do convento, foi para uma estalagem e cometeu todas as espécies de crimes. Ao tempo de regressar ao convento, foi preso e conduzido à forca. Ali ele invocou a Maria e não debalde. Ela o libertou, fê-lo voltar ao convento e disse-lhe que, quando a visse levando um escrito de perdão de seus pecados, então ele morreria. Com toda a segurança veio a suceder segundo a palavra de Maria. O abade do convento viu o papel, assim como o penitente, que teve então “uma santa morte”. Outro caso foi o de um jovem que, após ter levado vida selvagem, se encontrou a caminho da forca. Passando por uma estátua de Maria, orou: “Auxilia-me à hora da morte, bendita Virgem!” A estátua encurvou a cabeça e saudou-o. Ele então beijou os pés de Maria, ocasião em que esta estendeu os braços e o segurou tão firmemente, que nenhuma força poderia fazê-lo mover. Àquela altura a multidão clamou “Perdão” e o jovem, sendo libertado, levou vida exemplar dali por diante. Santa Brígida – assim Liguori se aventurou a relatar – tivera a revelação de que “nenhum pecador há no mundo que seja tão desesperado inimigo de Deus que, invocando o auxílio de Maria, não seja restaurado em seu favor”. A mesma Brígida ouviu certo dia Jesus Cristo a dizer a sua mãe, que ela podia obter a divina graça mesmo para Lúcifer, se este se humilhasse em lhe pedir auxílio. Uma das aparições recentes e notáveis da Virgem Maria, foi ao rico judeu Afonso Ratisbonne, de Strasburg, batizado em 1842, que se converteu quando Maria se despreendeu, em forma corporal, de um quadro que a representava, numa pequena igreja próxima à Piazza di Spagna, em Roma, dirigindo-se a ele em voz audível.

Poderia parecer que as atividades beneficentes de Maria, em favor dos vivos, fossem, se possível, excedidas por sua bondade para com as almas do purgatório, as quais, segundo Liguori, “estão em tormentos e não podem auxiliar-se a si mesmas”.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

A opinião devota é a de que todos os sábados Maria visita o estado intermediário e liberta os que por acaso ali estejam e vistam o escapulário Carmelita. Sua promessa de assim fazer – afirma-se – foi feita em 1251 a Simão Stock, geral da ordem Carmelita. No século XVIII Bento XIV teve ocasião de declarar verdadeira a história do escapulário, assim confirmando a visão que João XXII, 1322, havia tido, assegurando-lhe veracidade. É justo dizer que a genuinidade da bula original, *sabbatina*, em que se narrou aquela visão, tem sido posta em dúvida. O Manual de Orações, publicado com aprovação de um concílio Plenário de Baltimore, afirma, todavia, a dádiva do escapulário a Simão stock, dádiva concedida como penhor do patrocínio conferido por Maria à ordem Carmelita. O dr. McNeiry, em seu livrinho sobre Maria, recomendado pelo bispo de Clifton, insere a história de muitas almas resgatadas pela Virgem nos dias de sábado e traz um capítulo com as seguintes linhas:

“Maria, nome que pronunciou Gabriel,
Nome que vence o inferno
Maria, nome que, através dos altos céus,
Os anjos amam fervorosamente”.

Entre os famosos santuários miraculosos de que Maria é padroeira, figuram Loreto, Lourdes e, na América, Guadalupe. A “Santa Casa de Loreto”, tida como sendo a ocupação que Maria e José ocupavam em Nazaré, foi transportada – assim refere a tradição – pelos anjos, da Palestina à Dalmácia e depois para a Itália, e, em 1295, para sua atual localização, nas imediações de Ancona. A casa – *santa casa* – foi, ao que se diz, revelada pela Virgem a um pastor. O primeiro reconhecimento papal dessa fábula foi proferido por Júlio II, em 1511. Quatro séculos depois, 1894, Leão XIII declarou ser Loreto “um dos mais sagrados monumentos da fé cristã”. A declaração de Leão deve, de algum modo, harmonizar-se com o fato de que as pedras de que se compõe a construção não têm semelhança com qualquer espécie de pedra que se encontre perto da cidade síria. A ladainha de Loreto foi composta com recomendação pontifícia e contém quarenta e quatro títulos de Maria, tais como: “Mãe da divina graça,, sede da sabedoria, casa de ouro, refúgio dos pecadores, rainha dos anjos, rainha dos profetas, rainha dos apóstolos” – e começa com as palavras: “Refugiamo-nos em teu amparo tutelar, ó Santa Mãe de Deus!”

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Lourdes, o mais notável dos modernos santuários marianos, foi pela primeira vez revelado ao conhecimento público em 1858, graças à aparição de uma “senhora branca”, numa gruta, a Bernadette Soubiroux, menina de quatorze anos, analfabeta. Em sua quarta aparição, a senhora branca foi reconhecida como a Virgem. Bernadette continuou a frequentar a gruta, onde teve subsequentes visões, até que, por ordem de Maria, perfurou o solo, de onde jorrou uma fonte, cujas águas têm, como dizem, virtudes terapêuticas. Até 1908, cinquentenário da primeira visão, 4.919.000 peregrinos tinham visitado a gruta. Em 1874, Pio IX demonstrou sua reverência para com Lourdes, construindo nos jardins do Vaticano uma gruta semelhante à caverna onde “a senhora branca” havia aparecido. Leão XIII organizou uma fórmula litúrgica em honra de “Nossa Senhora de Lourdes” e em 1907 tornou-se aplicável a toda a igreja.⁷

O santuário de Guadalupe, a três milhas da Cidade do México, resultou de uma visão que teve um índio, Juan Diego, em 1531. Tornou-se basílica em 1904. A virgem ofereceu a Diego flores colhidas na montanha próxima e depois as arranjou e colocou-as em seu avental ou tilma. Quando Diego procurou o bispo, o prelado não somente viu as flores, mas, abaixando-se, viu a imagem da virgem gravada em seu vestuário. O próprio vestuário ainda se exhibe no santuário, e representa a virgem como jovem de quinze anos. Guadalupe foi honrada pelo infame César Bórgia, que lhe mandou três fios de cabelo de Cristo, engastados num coração de ouro. O assassino de Guilherme o Taciturno fez a promessa de dar “à mãe de Deus em Guadalupe” um manto novo.

Em pinturas inumeráveis e mosaicos, como no mosaico que existe no coro de Santa Maria Maggiore, em Roma, Cristo é representado nos lugares celestiais, colocando uma coroa na cabeça de Maria. Na capela Borghese da mesma igreja, mostra-se um quadro escuro representando a Maria, alegando-se ter sido pintado por S. Lucas. Em gente à igreja há uma estátua de Maria, colocada no topo de alta coluna. Outra coluna semelhante, erguida na Piazza di Spagna, em Roma, foi, em 1857, dedicada a “Maria, Virgem mãe de Deus”, em comemoração à imaculada concepção. Aos pés da coluna se acham Moisés, Davi, Isaías e Ezequiel, tendo escritas as passagens de Gên. 3:15, Sal. 45:4, Isa. 8:3 e Eze. 44:2, todas interpretadas como provas de ter sido a virgem concebida sem pecado.

§ 11. **A assunção de Maria.**- o último estágio na exaltação de Maria é a doutrina da assunção de seu corpo ao céu, sem que ele tivesse experimentado corrupção, opinião piedosa largamente sustentada na comunhão romana. Embora essa opinião não se tenha ainda erguido à dignidade de dogma*, uma festividade em honra da assunção foi incluída no calendário da igreja, 15 de agosto, considerada “a maior festa de nossa Senhora”. É, como o Natal e outras festas, um dos “seis dias de guarda” para os católicos americanos. As notícias mais antigas daquela crença se encontram num tratado chamado o “Sono de Maria” e atribuído ao quinto, ou, quando muito tarde, ao quarto século. Segundo uma lenda, anjos estiveram presentes à morte de Maria, acenderam-lhe círios junto ao leito e transportaram-na para o céu, onde ela reina como sua rainha. Outra versão representa os anjos como a tendo erguido do túmulo, levando-a a seguir, para o céu. Diz uma história que Juvenal, patriarca de Jerusalém, assistindo ao Concílio de Calcedônia, 451, referiu ao imperador Marciano e à imperatriz Pulquéria, que o esquife em que Maria fora colocada ainda se conservava em Jerusalém. Mui naturalmente, as reais personagens pediram ao bom homem que, regressando à pátria, lhes remetesse aquela relíquia.

Durante a Idade Média, a assunção de Maria alcançou muito maior aceitação popular. Pedro Damiani – *Migne* 145:586 – referiu que grande multidão tinha sido libertada do purgatório pela “mãe do mundo” e “mãe de Deus”, por ocasião de sua festa anual, celebrada desde o século XI. Grandes escolásticos, como S. Bernardo, estenderam-se sobre a assunção em seus sermões. Um pregador, que pronunciou cinco sermões sobre a anunciação de Maria e cinco sobre a Natividade, pregou oito sobre sua trasladação para o céu – *Migne* 174:958-990. Boaventura aceitou a doutrina. Tomaz de Aquino não foi além da afirmativa de que a igreja a tolerava. Fizeram-se adições à lenda, como, por exemplo, uma que Afonso de Liguori atribui a Bernardino de Sena, a qual dizia que o próprio Cristo desceu à terra para levar Maria até o paraíso. Conforme era de se esperar, Liguori se inflamou de entusiasmo pela crença e dedicou ao seu evento não menos de quarenta e uma páginas de sua *Glórias de Maria*. O imperador Carlos IV, que viveu 150 anos antes da Reforma, foi bastante afortunado por contar em sua coleção de relíquias uma das palmas conduzidas pelos Apóstolos nos funerais de Maria e um pedaço de um dos círios usados naquela ocasião. Nestes últimos tempos, Bento XIV declarou ser a assunção de Maria uma opinião piedosa e provável. Recentemente, Leão XIII deixou poucas dúvidas de que ele a aceitava. Esse pontífice

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

aprovou uma irmandade sob o patrocínio da “Virgem Maria assunta ao céu”, *Obras*, 7:131-134. O bispo Gilmour, em sua *História da Bíblia*, pág. 307 – ensinou a doutrina segundo a qual, “à morte da bendita Virgem, foi ela imediatamente restituída à vida e em triunfo levada ao céu pelos anjos”. À falta de provas escriturísticas, Wilhelm e Scannell forneceram o argumento comumente recebido, dizendo que “o corpo da mãe de Cristo e esposa do Espírito Santo não podia estar sujeito a cair sob o domínio da vil corrupção”.

Certo número de prelados eslavos enviaram a Pio IX uma petição, no sentido de se dar à assunção de Maria um lugar entre os dogmas da igreja. Alguns esperavam, sem razão, que no ano do jubileu, 1925, o pontífice proclamasse o dogma. Parece ser este o único que resta à igreja romana acrescentar à lista das doutrinas autorizadas e necessárias – “cridas na igreja desde o princípio”. O que Lutero disse do papado, deve-se dizer da assunção de Maria: as Escrituras nada sabem a seu respeito.

§ 12. Maria como padroeira da República Americana.- Os Estados Unidos foram colocados sob o patrocínio de Maria – e seus principais interesses dependem – alega-se – de seu favor e intercessão. Outros países gozam dos mesmos privilégios. Em 1647, Fernando colocou seus domínios sob seus cuidados e, em tempos recentes, Leão pôs as regiões do Congo sob os auspícios protetores de Maria. Em sua carta apostólica de 21 de julho de 1891, Leão “constituiu a Virgem Imaculada, mãe de Deus, perpétua defensora, no céu, dos Estados Independentes do Congo, para benefício e salvação do povo africano”. Apesar da graciosa proclamação do pontífice, tremendas crueldades foram perpetradas pelos agentes da Bélgica contra os inermes nativos, ao levarem avante o tráfico da borracha, e também apesar do reconhecimento, por parte do rei dos belgas, de que “na região católica reside a fonte e a origem do tratamento humanitário das nações”, como disse Leão.

A vigilância geográfica de Maria, em relação à América, começou, segundo se diz, com Colombo. Segundo os *Sábados com Maria*, “ninguém, a não ser aquela a quem os homens chamam Estrela do Mar, Maria Imaculada, guiou o ousado marinheiro, que ordenou fosse a *Ave Maria stella* cantada todos os dias durante a viagem e, em seu regresso a Palos, procurou o mais próximo santuário de Maria, para lhe render graças”. Em 1760, ela foi proclamada, sob a invocação de Maria Imaculada, a principal padroeira das possessões de Espanha. O nome de Maryland não é possível que se derive

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

da Virgem, mas é certo que Marquette, explorando o Mississipi, prometeu que, se a exploração fosse bem sucedida, daria ao misterioso rio, em honra de Maria, o nome de – *La Conception*.

No que se refere aos Estados Unidos, o sexto Concílio Provincial de Baltimore, 1846, sugeriu que Maria, sob a invocação de Imaculada Conceição, fosse constituída a principal padroeira da República, sugestão deferida pela Santa Sé, em 7 de fevereiro de 1847. Quando a conferência da paz se reuniu em Washington, em 1921, o povo em massa foi advertido pela imprensa católica romana, de que “Maria Imaculada é a padroeira celestial dos Estados Unidos” e todos os bons católicos foram exortados a dirigirem orações especiais “à virgem sem pecado”. Em 5 de dezembro de 1925, o título dado a um editorial do semanário *América*, foi este: “A Padroeira de nosso País”. A Universidade Católica também foi posta sob a proteção de Maria e transformada em um de seus santuários. Na carta apostólica dirigida à Universidade, em 1922, Pio XI renovou a menção daquele fato e orou por que “a Virgem mãe derramasse sobre toda a América os dons celestiais de sabedoria e salvação”.⁸ O imponente santuário, erigido nos terrenos da Universidade, é tratado nas descrições oficiais como “o santuário nacional da Imaculada Conceição e se destina a ser um eterno monumento do amor dos católicos americanos à mãe de Deus”. Ele guardará uma cópia do famoso quadro de Murillo, da Imaculada Conceição, ora em Madri, oferta de Bento XV, e uma estátua de “Nossa Senhora de Washington”. O altar principal será dedicado a “Nossa Senhora das Catacumbas” e outras estátuas adornará o edifício, tais como “Nossa Senhora de Chartres, Nossa Senhora de Rheims, Nossa Senhora das Neves”, assim chamada em razão de o local da basílica romana de Santa Maria Maggiore ter sido escolhido em momento em que a neve caiu sobre a terra, embora estivesse nos meados do verão.

A doutrina da Virgem Maria foi tratada com alguma extensão porque, como se pode verificar, ela se aparta tão profundamente da autoridade bíblica e patentemente caracteriza a piedade católica romana, em contraste com a piedade protestante. Para os protestantes, a figura romana de Maria é uma ficção eclesiástica, que evoluiu com os séculos, até se converter em dogma, graças ao pronunciamento arbitrário de Pio IX, definindo ter ela nascido sem pecado. A mariologia pode ter tido sua significação histórica durante a era da cavalaria, exaltando a pureza feminina; mas a virtude quase onipotente de Maria se destina a obscurecer a obra propiciatória de Cristo e a perfeita suficiência de sua intercessão à mão direita de Deus. A Maria celestial também

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

substituí, em parte, segundo o sistema romano, o Espírito Santo, conforme fora prometido, cumpria realizar. Os pecadores não têm necessidade da mediação de Maria para se chegarem a seu Salvador e alcançarem, por meio dele, a Deus, porque “têm um advogado junto ao Pai, a saber, Jesus Cristo, o Justo, que é a propiciação pelos nossos pecados e também pelos pecados de todo o mundo” – I João 2:1. Na imaginação popular, em países sob domínio papal, Maria virtualmente ocupa o lugar de deusa – e o resultado prático parece inevitavelmente ser que, através da graciosa brandura associada à mulher e à maternidade, os hábitos pecaminosos, que os ensinamentos de Cristo condenam, serão tratados com indulgência. O que há de espantoso é que apelos a outrem se recomendem, mesmo em face do convite de Cristo: “Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos aliviarei”!

Bibliografia e Notas

O texto do decreto da Imac. Coceição, in Schaff, *Creeds*, 2:211 e ss. – *Encíclicas* de Leão XIII sobre o rosário, etc. – Sobre os conceitos med., Schwane; Coulton, etc. – Newman: “Belief of Catholics conc. The Blessed Virgin”, etc., in *Difficulties of Anglicans*, pp. 26-170. – Schaff: *Ch. Hist.*, vol. 5 – Eucken: *Mittelalt. Welt*. – Belarmino. Liguori: *Glories of Mary*. – Arts. “Im. Conc.” E “Virgin Mary”, na *Ency Cath.* – F. H. Schuth, S.J.: *Leo xiii's Encyclicals on the Rosary*. – Ullathorne: *Imm. Conc. of Mother of God*, Londres, 1905.- Ernst: *D. D. Papstthum*, vol. 2: *Vierzehn Jahre Jesuit*, 1:198-207; 2:97-134. – McNeiry: *Saturdays with Mary*, 1921.

1. Jerônimo amplia a comparação entre Eva e Maria. Disse ele que, através de Eva, crescemos fisicamente; através de Maria reinamos eternamente. A morte foi inventada por uma mulher, a vida o foi por uma virgem Segundo Koch, Maria não foi encarada como um modelo de virgindade até os tempos de Ambrósio – *Virgines Christi*, p. 92.

2. Sobre Bernardo, Migne 183;62. Alberto Magno se referiu livremente ao *sinus, pectus, ubera e uterus* de Maria. Três razões foram dadas por Jacob de Voragine, pelas quais Balaão comparou “nossa senhora” a uma estrela, a saber: - 1., Ela está adornada de beleza; 2, com sua luz ilumina a igreja; e - 3, perseverou toda sua vida em obras de virtude e nunca pecou. O dominicano Eberhard de Saxônia escreveu no século XIII – *Got in sinem trone hat begehret diner schone; Da er will, o wiber krane, mit geluste dich ansehen*, - cit. De Eucken, p. 477. Hoensbroech, *Vierzehn Jahre*, 2:318, traz

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

um poema em louvor dos cabelos de Maria e o extrato de um sermão sobre o mesmo assunto.

3. Pasch. Radbertus, em sua obra *de partu virg.*, assume a atitude segundo a qual o nascimento, assim como a concepção de Cristo, foram atitude segundo a qual o nascimento, assim como a concepção de Cristo, foram miraculosos – *claustró útero* – sem dor ou lágrimas ou qualquer corrupção da carne. Ratramnus assumiu a atitude oposta, acreditando que Cristo nasceu de forma natural. Maria de Agreda, de Espanha, fal. em 1665, escreveu uma vida de Maria, em que ela disse que o corpo da virgem e o sangue estão verdadeiramente na eucaristia e que a 8 d dez. de cada ano, ela é transportada ao céu pelos anjos, para celebrar sua imaculada concepção. – Reusch: *Index*, 2:253 e ss.

4. Em sua trad. inglesa de Tomaz de Aquino, os editores dominicanos tentam escapar à acusação de estar Tomaz em desacordo com o dogma da imaculada concepção, fundados parcialmente em que, falando de santificação, ele queria dizer preservação do pecado. Os editores concordam em que ele provavelmente não estava informado de que progredia o movimento rumo ao pleno reconhecimento do dogma. Citam a Duns Scotus, que nasceu depois da morte de Tomaz. Vide nota em trad., Parte III: 2:27-59.

5. Diz Newman – *Apol.*, p. 254, - “Os sacerdotes não têm dificuldade em aceitar a doutrina da imaculada concepção. Não ouvi de um católico que tivesse dificuldade em recebe-lo, desde que sua fé em outros assuntos não fosse suspeita. Sinceramente creio que S. Bernardo e S. Tomaz, que em seu tempo tinha escrúpulos a respeito dela, ter-se-iam regozijado em aceita-la, se vivessem nestes tempos”. O cardeal Gibbons observa que, se Maria tivesse sido concebida em pecado original, em vez de ser superior, seria inferior a Eva, e que “a piedade maternal comumente derrama um brilho adicional sobre o filho e o halo que ilumina a face de uma se reflete sobre a do outro. Quanto mais se exalta a mãe, maior é a honra que resulta ao filho”. Como se a glória de Cristo não fosse inteiramente suficiente em si mesma”

6. Boaventura usou a palavra “perdoadora” – *excusatrix* – em seu hino:

Ave coeleste liliium, ave rosa speciosa
Ave mater humilium, supera imperiosa
Deitatis triclinium: hac in valle lacrymarum

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Da robur, fer auxilium, O excusatrix culparum

Leão XIII, *Obras* 2:34, chamou a Maria *auxiliatrix, opifera, solatrix, bellorum potens victrix, pacifera magna virgo, patrona coelestis*, etc., e disse que ela, que tinha sido administradora do sacramento da redenção do homem, tornou-se a administradora da graça derivada de Cristo em todos os tempos. Pio X, in *Ad diem illum*, disse que “escolhida por Cristo para a obra da salvação humana, Maria mereceu mais dignamente o tornar-se a restauradora – *reparatrix* – de um mundo perdido e a despenseira de todos os dons, sem exceção do que Jesus nos alcançou por seu sangue e paixão”. Bento XV tratou a Maria como *mediatrix* de todas as graças e disse que “todos os dons que o Redentor mereceu em nosso benefício, são distribuídos por Maria, sua mãe”, citando Eccles. 24:25: “Em mim está toda a graça, em mim está toda a esperança de vida e virtude. Vinde a mim, vós que me desejais e enchei-vos de meus frutos”.

7. Segundo *Month*, a igreja nunca aprovou formalmente os milagres e as curas de Lourdes. Quanto à lit. a respeito, Vide Thurston, nos números de jun. e jul. de 1925. Bernadette, que sempre fora débil, sustentava o que a Senhora Branca lhe referia em cada visão que ela era a bendita Virgem da Imaculada Conceição. Habitualmente Bernadette se recusava a divulgar certas revelações que recebia, sob pretexto de que elas se referiam somente a sua pessoa e nada havia que interessasse à igreja, à França ou ao papa. Thurston fala de um *test* pelo fogo, para lhe experimentar a honestidade, resultando “perfeitamente autêntica”, isto é, a chama de uma vela que lhe envolveu toda a mão, sem que esta se queimasse, prova reconhecida por médicos que se achavam presentes.

8. Após ter tratado a Maria como “a grande mãe de Deus, a sede da sabedoria e a fonte da piedade”, disse Pio XI: “Rogamos que do santuário nacional da imaculada conceição, que está sendo construído na Universidade de Washington, como da sede de sua amorosa bondade, ela derrame sobre toda a América os dons celestiais de sabedoria e salvação”. Vide trad. Completa na *Cath. Hist. Rev.*, out. de 1925. Chamando as “ovelhas desgarradas para a unidade da igreja”, jan. de 1928, Pio, seguindo os predecessores imediatos, “invocou a intercessão da bendita Virgem Maria, mãe da divina graça, vencedora de todas as heresias”, etc. À morte do vice-presid. Marshall, um dos motivos de elogio dados por “América” -18 de junho de 1925, foi o de que ele, “nas duas últimas ocasiões públicas, falara reverentemente e com afeto da sempre bendita

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

mãe de nosso Salvador”. É costume geral dos protestantes falarem de Maria com reverência e afeto.